

Comportamentos Indicativos de Apego em Crianças com Autismo

Attachment Behaviors in Children with Autism

Cláudia Sanini, Gabriela Damasceno Ferreira, Thiago Spillari Souza & Cleonice Alves Bosa*

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil

Resumo

Este estudo investigou evidências de comportamentos de apego em crianças com autismo. Participaram 10 meninos com autismo, 10 com síndrome de Down e 10 com desenvolvimento típico, equiparados pela idade, cuja média foi de, aproximadamente, 4 anos. Uma sessão de observação de brincadeira livre, com cinco episódios, foi utilizada para avaliar os comportamentos interativos da criança com a mãe e com uma pessoa não-familiar (o estranho). Não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos, quanto à maioria dos comportamentos de apego. Contudo, o grupo com autismo apresentou uma frequência maior de comportamento de esquiva, do que os outros grupos, apenas no 1º episódio. As comparações intragrupos mostraram que as crianças com autismo interagiram mais com a mãe, do que com o estranho. Esses resultados demonstram a ocorrência de apego entre crianças com autismo e suas mães e as vantagens de se usar análises que considerem as peculiaridades desses comportamentos.

Palavras-chave: Autismo; apego; interação mãe-criança.

Abstract

This study investigated the attachment behaviors in children with autism. Ten boys with autism, 10 boys with Down syndrome and 10 boys with typical development who were around 4 years old, participated in the study. A free-play session, which consisted of five episodes, was used to observe the interactive behaviors between the child and the mother, and also an unfamiliar person (the stranger). No significant differences were found among the three groups concerning most of the attachment behaviors. However, the children with autism presented a higher frequency of avoidant behavior, only in the first episode. The comparison of differences inside the group showed that children with autism interacted more with their mothers than with the stranger. These results show the attachment behavior among autistic children with their mothers and the advantages of using a coding system that takes into account the particularities of this behavior.

Keywords: Autism; attachment; mother-children interaction.

O autismo caracteriza-se por uma síndrome comportamental que compromete o desenvolvimento infantil e apresenta múltiplas etiologias (Gillberg, 1990; Klin & Mercadante, 2006; Rutter, 1996). Os sintomas principais evidenciam-se através de uma dificuldade para relacionar-se com pessoas e situações, de um atraso na aquisição da fala e no uso não-comunicativo da mesma, e de uma insistência obsessiva na manutenção da rotina, limitando as atividades espontâneas (Bosa, 2002b; Klin, 2006), além de se evidenciarem nos primeiros 36 meses de vida (American Psychiatric Association [APA], 2000/2002; Organização Mundial de Saúde [OMS], 1998).

Quando Kanner (1943) realizou as primeiras observações clínicas sobre crianças com autismo, ele relatou uma ausência de comportamentos que sinalizassem apego, isto é, comportamentos que caracterizam a propensão do ser humano para buscar e manter aproximação com um cui-

dador em situações de tensão e exploração. Em contrapartida, a sensibilidade materna ao responder a estes sinais (base segura), fornece os pilares para o desenvolvimento social infantil (Bowlby 1969/2002). Bowlby propôs fases para o desenvolvimento do apego que vão desde a orientação e sinais com discriminação limitada da figura de apego até a formação de uma *parceria*, caracterizada por relações de reciprocidade.

Mesmo não tendo explicitamente investigado o apego no autismo, Kanner notou que essas crianças pareciam não diferenciar seus pais de outras pessoas. Tais observações foram confirmadas posteriormente por descrições clínicas, relatos parentais e estudos de caso que descreveram as crianças com autismo como apresentando uma ausência de comportamento de apego e uma relativa falha em ligar-se a uma pessoa específica (Rutter, 1996).

Contudo, os resultados das pesquisas que investigaram especificamente o apego no autismo não confirmaram essas descrições iniciais. Pelo contrário, alguns estudos demonstraram que, apesar dos *déficits* em quase todos os aspectos do desenvolvimento socioemocional, essas crianças realmente apresentavam indicadores de apego seletivo, que poderia ser marcado pela segurança. Dessa forma,

* Endereço para correspondência: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia do Desenvolvimento e da Personalidade, Rua Ramiro Barcelos, 2600, sala 110, Santana, Porto Alegre, RS, 90035-003. Tel.: (51) 33085 449; Fax: (51) 3308 5473. E-mail: cleobosa@uol.com.br

tais resultados possibilitaram aos pesquisadores do assunto contestar a crença inicial de que essas crianças não desenvolviam apego diferencial aos seus cuidadores (Shapiro, Sherman, Calamari & Koch, 1987; Sigman & Mundy, 1989; Sigman & Ungerer, 1984).

Uma das primeiras pesquisas que investigou o apego em crianças com autismo foi desenvolvida por Sigman e Ungerer (1984), que demonstraram a presença de apego dessas crianças às suas mães, dirigindo mais comportamentos sociais e contato afetivo a estas do que à pessoa estranha que participou do procedimento de observação. Esses resultados inspiraram outras pesquisas, utilizando grupos comparativos, em especial crianças com desenvolvimento típico e síndrome de Down (por sua baixa associação com autismo; Rutter, 1996). Estes estudos demonstraram a semelhança entre os grupos quanto a capacidade para diferenciar a mãe ou o cuidador de um estranho e a ocorrência de marcadores de segurança no apego (Bakermans-Kranenburg, Buitelaar, van Ijzendoorn & van Engeland, 2000; Capps, Sigman & Mundy, 1994; Dissanayake & Crossley, 1996; Rogers, Ozonoff & Maslin-Cole, 1991; Shapiro et al., 1987; Sigman & Mundy, 1989; Sigman & Ungerer, 1984); ainda que sua frequência tenha distinguido os grupos, com o grupo com síndrome de Down assemelhando-se ao com desenvolvimento típico.

Na grande maioria dessas pesquisas, o procedimento utilizado para investigar e classificar o apego, em grupos com desenvolvimento atípico, tem sido uma modificação no sistema original proposto por Ainsworth, Blehar, Waters e Wall (1978), caracterizada, na maioria dos estudos, pela retirada do episódio em que a criança permanece sozinha na sala (Capps et al., 1994; Rogers, Ozonoff & Maslin-Cole, 1991, 1993; Shapiro et al., 1987; Sigman & Ungerer, 1984); pela omissão do episódio de aproximação do estranho (Sigman & Mundy, 1989); além do uso de somente um episódio de separação e reencontro com o cuidador e com o estranho (Rogers et al., 1993; Shapiro et al.). Os resultados dos estudos confirmam maior ocorrência de comportamentos de apego do que anteriormente reportados, ainda que em menor frequência do que os controles (Rogers et al., 1991, 1993).

Para o registro da intensidade de cada comportamento interativo estes estudos utilizaram uma escala de sete pontos (Ainsworth et al., 1978) onde, conforme os autores desta escala, (1) é caracterizado pela ausência de esforço por parte da criança para obter contato físico, proximidade ou interação a distância (a criança não toma a iniciativa em se aproximar do adulto) e (7) envolve esforço e iniciativa muito ativos e persistentes, por parte da criança, para obter contato físico, proximidade ou interação a distância (ex: estender os braços para ser pega no colo, mostrar/dar objetos para o cuidador, persistentemente, etc.). Sendo assim, quanto maior o escore alcançado maior a busca ativa por contato.

Contudo, na escala de Ainsworth et al. (1978) os limites superiores do instrumento (isto é, o escore 7) enfatizam os esforços *ativos e persistentes* da criança (busca/iniciativa *espontânea* de contato e interação com o cuidador para ad-

quirir e/ou manter contato físico com o adulto e interagir a distância). Entretanto, é justamente a falta de iniciativa, espontaneidade e reciprocidade que constitui o grande marcador do autismo. Deste modo, seria injusto reduzir a questão do apego a comportamentos que compõem os critérios diagnósticos porque isto exacerba as diferenças entre os grupos. A literatura é farta em evidências sobre a menor ocorrência de atenção compartilhada no autismo (ver Bosa & Callias, 2000, para uma revisão sobre o assunto), um conceito que se refere à habilidade em compartilhar experiências em relação a objetos e eventos, de forma espontânea e recíproca e que também está implicada na definição de interação a distância na escala de apego. Apego e atenção compartilhada são, portanto, conceitos interdependentes.

Sendo assim, uma alternativa para se conduzir estudos comparativos sobre apego, entre crianças com autismo e controles, seria abolir a ênfase no comportamento *ativo*, enquanto medida de intensidade do comportamento. Isso significa, por exemplo, mensurar o comportamento de apego com base em sua frequência, levando-se em conta tanto as iniciativas da criança quanto as *respostas* ao adulto, bem como as peculiaridades do comportamento autista (ex: interagir com o adulto através de ecolalia ou estereotípias). Isso poderia tornar os grupos (pelo menos os *clínicos*) mais equivalentes. Além disto, poucos estudos têm se preocupado em investigar a influência do contexto interativo (Ex.: os episódios da Situação Estranha) na qualidade de expressão dos comportamentos de apego.

Esse estudo buscou contribuir para a elucidação desta questão ao investigar os indicadores de apego em crianças com autismo, a partir de um sistema de codificação de comportamentos de apego que levasse em conta as peculiaridades do comportamento autista. Desta forma, esperava-se minimizar as diferenças entre os grupos, particularmente entre os grupos clínicos (síndrome de Down e autismo).

Método

Participantes

Participaram desse estudo 10 meninos com diagnóstico de autismo (AU), segundo os critérios do CID-10 (OMS, 1998) e DSM-IV-TR (APA, 2000/2002), com idades entre 3 e 8 anos ($m=4,96$; $DP=4,12$); 10 meninos com síndrome de Down (SD), com idades entre 4 e 8 anos ($m=6,82$; $DP=3,62$); 10 meninos com desenvolvimento típico (DT), com idades entre 1 e 3 anos ($m=2,62$; $DP=1,64$). Todas as crianças eram do sexo masculino, uma vez que a incidência do autismo é quatro a cinco vezes superior nos meninos (APA, 2000/2002).

As crianças com AU e SD tinham o dobro da idade cronológica das crianças com DT como uma tentativa (limitada) de equiparar os grupos quanto à linguagem, já que, por definição, tanto o autismo quanto a síndrome de Down envolvem atrasos significativos na linguagem. Não foram realizadas medidas de QI ou de idade mental porque, na época do estudo, não havia instrumentos brasileiros vali-

dados para esta população, na faixa etária do estudo. Por outro lado, não teria sentido investigar comportamentos de apego em crianças com desenvolvimento típico, com idade superior a 3 anos, visto que o pico desses comportamentos ocorre nesta faixa etária.

As crianças com autismo preencheram os critérios dos sistemas diagnósticos, nos três domínios: comprometimento social, da linguagem e comportamento e interesses restritos e repetitivos. Além disso, todas as crianças participantes não apresentavam problemas sensoriais (deficiência auditiva ou visual), conforme registros clínicos verificados nas escolas, ou deficiência física; apresentavam boas condições gerais de saúde e residiam com a mãe biológica. Os grupos de crianças com autismo e com síndrome de Down foram recrutados em escolas especiais e em associações de pais e o grupo com desenvolvimento típico foi selecionado em escolas de educação infantil, todos de Porto Alegre.

Os três grupos (AU; SD; DT) foram equiparados em relação ao sexo e os dois grupos clínicos (AU e SD) em relação ao nível de linguagem verbal compreensiva e expressiva. O nível de linguagem foi avaliado através de um *checklist* administrado às mães, especialmente desenvolvido para este estudo, que analisou a frequência de palavras que as crianças compreendiam e utilizavam no cotidiano. Esta medida foi utilizada porque existe uma relação entre linguagem e comportamentos interativos (Klin, 2006). Os resultados mostraram uma equiparação quanto à linguagem nos grupos clínicos, sendo que em relação aos grupos com AU e DT, foram encontradas diferenças estatisticamente significantes em apenas 30% das categorias.

Instrumentos

O projeto foi encaminhado para o Comitê de Ética em Pesquisa, sendo aprovado por estar adequado ética e metodologicamente e de acordo com a resolução 196/96 e complementares do Conselho Nacional de Saúde. Os instrumentos incluíram o preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; a Entrevista de Dados Demográficos da Família, de Desenvolvimento e Saúde da Criança (adaptada de Bosa, 1998) para caracterização da amostra. Também foi realizada uma sessão de observação, de brincadeira livre, que envolveu a mãe, a criança e uma pessoa estranha.

Procedimentos

Por ocasião das visitas às escolas especiais e de educação infantil foram explicados os objetivos e os procedimentos do estudo. Posteriormente, agendou-se o primeiro encontro com as famílias, no qual preencheu-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e realizou-se a primeira parte da Entrevista. Um segundo encontro foi agendado, com um intervalo de, no máximo, 15 dias, para finalizar a Entrevista e para a entrega do Inventário de Palavras às mães para preenchimento em casa e devolução no dia da sessão de observação.

A sessão de observação de uma brincadeira livre, que envolveu a criança, a mãe e uma pessoa estranha, foi utili-

zada para o exame dos comportamentos interativos, e consistiu de uma seqüência de cinco episódios, baseados na Situação Estranha (Ainsworth et al., 1978) e modificados de acordo com a literatura em autismo (Capps et al., 1994; Rogers et al., 1991, 1993; Shapiro et al., 1987; Sigman & Mundy, 1989; Sigman & Ungerer, 1984). A seqüência dos episódios caracterizou-se pela seguinte forma: No 1º episódio, com duração de 10 minutos, estavam na sala a mãe e a criança, envolvidas em uma brincadeira livre. No 2º episódio, ocorria a entrada de uma pessoa estranha na sala para interagir com a mãe e a criança, por um período de 5 minutos. No 3º episódio, a mãe saía da sala, assinalando o momento de sua partida, deixando a criança com a estranha durante 4 minutos. Se a criança demonstrasse muita aflição a mãe poderia retornar imediatamente à sala. No 4º episódio, a mãe retornava à sala e permanecia com a criança e a estranha durante 3 minutos. No 5º e último episódio, com duração de 4 minutos, a estranha saía da sala, permanecendo apenas a mãe e a criança. A mãe foi previamente instruída a agir livremente com a criança, da forma como estava acostumada a fazer em casa, até o momento em que a luz piscasse, quando, então, deveria sair da sala. Após 3 minutos, retornaria à sala e permaneceria até o final da sessão.

Esses cinco episódios envolveram quatro contextos interativos: Busca de Contato e Proximidade e Manutenção do Contato; Interação a Distância; Resistência e Esquiva, baseados no modelo de Ainsworth et al. (1978). O comportamento de Busca de Contato e Proximidade é definido pela iniciativa/resposta da criança para buscar contato físico ou proximidade com uma pessoa e pelo quão eficaz ela é em fazê-lo por conta própria. O comportamento de Manutenção do Contato refere-se aos esforços da criança para manter contato com o adulto. Interação a Distância é definido como o comportamento social positivo – sorriso, vocalização, intenção de olhar, exibição de brinquedo e brincar – que indica o interesse da criança pelo adulto, mesmo não estando muito próxima dele. Resistência caracteriza-se pela intensidade e duração do comportamento resistente provocado pela tentativa do adulto de iniciar contato com a criança, sendo a raiva um elemento importante. Comportamento de Esquiva é definido pela intensidade e duração da esquiva da criança à proximidade e à interação do adulto mesmo à distância. Distingue-se do comportamento de resistência por refletir mais apreensão que raiva.

Como os comportamentos das crianças com autismo caracterizam-se muito mais por respostas às solicitações do que pela iniciativa, os comportamentos de Busca de Contato e Proximidade e Manutenção do Contato foram reunidos em uma única categoria porque, além de ocorrerem com pouca frequência, foram analisados somente no 2º Episódio e em relação à mãe. As sessões foram filmadas e posteriormente descritas para a análise dos comportamentos.

Registro e Análise dos Dados

O registro dos comportamentos foi realizado com base na descrição qualitativa da interação mãe-criança e criança-estranha, ao invés de escala. Isso foi feito durante 3 minutos de cada episódio, sendo que, no 1º episódio, desconsiderou-se os primeiros cinco minutos de filmagem, por questões de ambientação da diáde. Dois bolsistas de iniciação científica, cegos aos objetivos do estudo e ao diagnóstico dos grupos foram treinados, de forma independente, para realizar a codificação das categorias de apego, com base na descrição dos comportamentos. Os aspectos qualitativos da análise, incluindo especificamente as reações de separação e reunião, não serão apresentados no presente artigo.

Para a análise estatística dos comportamentos interativos, foram examinados somente os comportamentos do 1º, do 2º, do 3º e do 5º episódio. No 2º episódio, foram analisados somente os comportamentos de Busca de Contato e Proximidade e Manutenção do Contato. Os demais comportamentos (Interação a Distância; Resistência; Esquiva) não foram analisados no 2º e no 4º episódio porque, nesse estudo, esses episódios serviram apenas para familiarizar as crianças com as mudanças que aconteceriam no 3º (saída da mãe da sala) e no 5º (retorno da mãe à sala) episódio.

Resultados

Caracterização dos Participantes

Os dados concernentes à caracterização dos participantes, nos três grupos, foram submetidos à análise estatística

ca descritiva, para as variáveis: idade cronológica das crianças e das mães; e, através do teste *Qui-quadrado* para as variáveis: escolaridade materna, estado civil materno, profissão materna e jornada de trabalho materna.

No que diz respeito à idade materna observou-se que as mães do grupo com SD eram mais velhas do que as mães dos participantes dos outros dois grupos, AU e DT. Os dados referentes à escolaridade materna variaram de um grupo para outro. Observaram-se diferenças estatisticamente significantes em relação a essa variável, ($\chi^2=10,17$; $gl=2$; $p=0,03$), especialmente no que se refere ao ensino fundamental e superior, ou seja, as mães dos grupos clínicos, AU e SD, possuíam menos escolaridade superior do que as mães do grupo com DT. Quanto ao estado civil das mães, não houve diferenças estatisticamente significantes quanto ao percentual de casadas ou que vivem em união estável nos três grupos ($\chi^2=5,92$; $gl=6$; $p=0,43$).

Comportamentos de Apego: Comparação entre os Grupos

De acordo com o teste ANOVA, não foram encontradas diferenças estatisticamente significantes nas médias das frequências dos comportamentos dos três grupos, na maioria dos episódios (Tabela 1). A única exceção ocorreu no 1º episódio cuja análise mostrou diferença significativa somente para o comportamento de Esquiva ($F=4,94$; $p<0,01$), o qual foi mais frequente no grupo com AU ($m=3,70$; $DP=2,00$), do que nos outros dois grupos (SD e DT; $m=2,00$; $DP=1,76$ e $m=1,50$; $DP=0,97$, respectivamente).

Tabela 1

Média e Desvio Padrão dos Comportamentos de Apego dos Três Grupos, nos Diferentes Episódios

Episódios	Autismo (n = 10)	Síndrome de Down (n = 10)	Desenvolvimento típico (n = 10)
	m DP	m DP	m DP
1º episódio			
interação a distância	12,70 (3,59)	14,20 (5,45)	11,22 (3,32)
resistência	1,10 (1,28)	1,00 (1,05)	0,40 (0,69)
esquiva	3,70 (2,00)	2,00 (1,76)	1,50 (0,97)
2º episódio			
busca de contato e proximidade e manutenção do contato	1,10 (0,99)	0,20 (0,42)	0,60 (1,26)
3º episódio			
interação a distância	10,60 (4,92)	15,40 (3,97)	13,90 (4,53)
resistência	0,20 (0,63)	0,80 (2,20)	0,90 (1,85)
esquiva	4,30 (2,75)	2,20 (2,61)	2,20 (1,13)
5º episódio			
interação a distância	6,80 (4,04)	11,40 (3,56)	9,90 (4,88)
resistência	6,80 (4,04)	1,40 (2,95)	1,00 (1,15)
esquiva	1,70 (1,70)	1,70 (1,88)	1,70 (2,05)

Comparação entre os Episódios no Grupo com Autismo

Na comparação entre o 1º e o 5º episódio, as diferenças nas médias dos comportamentos de apego foram estatisticamente significantes para Interação a Distância (1º episódio: $m=12,70$; $DP=3,59$; 5º episódio: $m=6,80$; $DP=4,04$;

$p=0,04$) e Esquiva (1º episódio: $m=3,70$; $DP=2,00$; 5º episódio: $m=1,70$; $DP=1,70$; $p=0,04$), os quais foram mais frequentes no 1º do que no 5º episódio. Já na comparação do 1º e do 3º de episódio, foi encontrada diferença estatisticamente significativa somente no comportamento Interação

a Distância (1º episódio: $m=12,70$; $DP=3,59$; 3º episódio: $m=10,60$; $DP=4,92$; $p=0,02$), o qual foi dirigido mais freqüentemente à mãe do que ao estranho (Tabela 1).

Discussão e Conclusão

Nesse estudo, os três grupos apresentaram resultados semelhantes quanto à freqüência da maioria dos comportamentos de apego, corroborando a expectativa inicial de que ao se considerar as peculiaridades do comportamento autista (ênfase nas respostas tanto quanto nas iniciativas), as diferenças entre os grupos se reduziriam.

Porém, em relação ao comportamento de Esquiva, no 1º episódio, cuja freqüência foi maior no grupo com autismo, cabem algumas reflexões. Neste episódio, o qual corresponde à entrada da criança na sala de observação, o grupo com autismo tendeu a ignorar as tentativas de aproximação e interação maternas. Cabe ressaltar que uma das características típicas do autismo é a preferência por situações familiares, facilmente controláveis (Klin, 2006; Wing & Gould, 1979). Por isso, o ambiente novo do Laboratório de Observação, onde foram realizadas as filmagens, pode ter sido um fator desencadeante dessa dificuldade, externalizando-se na forma de comportamento evitativo para com a mãe. Isso não pode ser explicado simplesmente por *problemas no sistema de apego* já que não houve diferenças entre os grupos no comportamento de Interação a Distância, nesse mesmo episódio, que se mostrou tão freqüente nesse grupo como nos outros dois.

Além disso, a comparação entre os episódios, neste grupo, mostrou ainda que os comportamentos de Interação a Distância foram mais freqüentes no 1º episódio do que no último, possivelmente porque as crianças utilizaram a mãe como uma *base segura* para as suas explorações iniciais em um ambiente pouco familiar, sugerindo segurança no apego (Bowlby, 1969/2002). Isso significa que as crianças apresentaram comportamentos de, entre outros, pegar objetos oferecidos pela mãe, executar ações solicitadas por ela, sorrir e olhar para a mãe, tanto quanto as crianças dos outros grupos.

Conforme Rutter (1996) as respostas às solicitações dos outros e os comportamentos para buscar assistência tendem a estar preservados neste grupo. Entretanto, o oferecimento espontâneo destes objetos e tentativas de chamar a atenção da mãe para uma variedade de situações, a fim de compartilhar estas descobertas, foram raras. As crianças pouco apontavam para mostrar os brinquedos e raramente faziam perguntas sobre os mesmos (as que apresentavam oralidade). Entretanto, respondiam a perguntas, ainda que de forma breve. A reciprocidade destes comportamentos seria esperada em crianças da idade dos participantes.

De acordo com Bowlby (1969/2002) no estágio mais avançado do sistema de apego, cujo ápice situa-se em torno dos 24 meses, ocorreria um discernimento intuitivo acerca das necessidades e interesses do parceiro, denominada de *parceria corrigida para a meta*. Como já discutido, esta característica na interação é um marcador do autismo,

exaustivamente abordada na área de estudos compreendida como *atenção compartilhada* (Bosa, 2002a). Por outro lado, a redução do comportamento de Esquiva à mãe, no último episódio, comparado ao primeiro, também parece confirmar a premissa da ocorrência de comportamentos de apego influenciada pelo contexto (adaptação à situação desconhecida).

O argumento da existência de apego no grupo AU ganha relevo ainda com os resultados da comparação entre o 1º e o 3º episódio, onde foram encontradas diferenças significantes no comportamento de Interação a Distância, mais freqüente em relação à mãe do que ao estranho. Esses achados confirmam os resultados de outros estudos empíricos (Capps et al., 1994; Dissanayake & Crossley, 1996, 1997; Rogers et al., 1991, 1993; Shapiro et al., 1987; Sigman & Mundy, 1989; Sigman & Ungerer, 1984) que também têm mostrado que crianças com autismo claramente diferenciam os pais de um estranho, ao direcionar mais comportamentos de apego ao cuidador.

Na verdade, nas situações de reencontro com a mãe, após a sua saída, as crianças se mostravam contentes com o seu retorno, embora isso nem sempre ficasse visível para a mãe. A observação minuciosa mostrou que uma criança, por exemplo, aumentou as estereotipias motoras (agitar as mãos) quando a mãe retornou à sala - comportamento em geral ligado a situações de excitação (Wing, 1996). Outras olhavam para as mães de relance, enquanto estas se envolviam com alguma atividade, dificilmente percebendo o olhar do filho. De fato, Beckwith, Rozga e Sigman (2002); Capps et al. (1994); Rogers et al. (1991, 1993) já haviam chamado a atenção para o fato de que os comportamentos estereotipados, em especial os maneirismos, muitas vezes mascaram a qualidade da expressão dos comportamentos de apego.

Concluindo, este estudo possivelmente contribui para o conhecimento nesta área ao demonstrar que, em termos de comportamentos de apego, as crianças do grupo com autismo:

1. Reagiram de forma semelhante às crianças do grupo com síndrome de Down e mesmo às com desenvolvimento típico, alinhando-se aos achados de outros estudos. Dessa forma, não se pode explicar o perfil dos comportamentos apresentados pelas crianças com autismo apenas pelo diagnóstico, mas também por questões de imaturidade ou de um atraso global no desenvolvimento.
2. As diferenças encontradas relacionam-se mais com a qualidade da expressão do apego do que com sua freqüência/ausência.
3. A ambigüidade demonstrada na expressão do apego, ora buscando, ora se esquivando da interação com a mãe, parece ser influenciada pelo tempo de familiarização da criança com o ambiente.

A questão do contexto em que a ambigüidade na expressão ocorre é importante porque pode levar à impressão inicial de que essas crianças não demonstram apego a seus cuidadores. Porém, quando se utiliza um método que considera as características comportamentais dessa popu-

lação atípica e se investiga, de uma forma sistemática, as sutis manifestações comportamentais destas crianças, verifica-se que esta noção não se confirma.

As implicações desses resultados para intervenções com os pais são importantes, à medida que se procura demonstrar que as peculiaridades de um comportamento, mesmo que de uma forma não-convencional, não se equacionam à ausência deste comportamento. Contudo, cabe lembrar que estes resultados talvez se apliquem somente a crianças com as características e nível de desenvolvimento dos participantes do estudo.

Outro aspecto que deve ser lembrado é que a natureza do ambiente de laboratório (bastante estruturado) apesar de pouco familiar, pode ter contribuído para a emergência das potencialidades das crianças. De fato, é amplamente documentado na literatura o efeito de ambientes estruturados sobre o comportamento de crianças com autismo (Dissanayake & Crossley, 1996, 1997). Se estes resultados se estendem a todo o espectro do autismo e em contextos naturalísticos, merece maior investigação.

Referências

- Ainsworth, M., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- American Psychiatric Association. (2002). *DSM-IV-TR: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (4. ed. rev., C. Dornelles, Trad.). Porto Alegre, RS: Artes Médicas. (Original publicado em 2000)
- Bakermans-Kranenburg, M., Buitelaar, J., van Ijzendoorn, M., & van Engeland, H. (2000). Insecure and disorganised attachment in children with a pervasive developmental disorder: Relationship with social interaction and heart rate. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, *41*, 759-767.
- Beckwith, L., Rozga, A., & Sigman, M. (2002). Maternal sensitivity and attachment in atypical groups. *Advances in Child Development and Behavior*, *30*, 231-274.
- Bosa, C. (1998). *Affect, social communication and self-stimulation in children with and without autism: A systematic observation study of requesting behaviours and joint attention*. Dissertação de Doutorado não-publicada, Institute of Psychiatry, University of London.
- Bosa, C. (2002a). Atenção compartilhada e identificação precoce do autismo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *15*(1), 77-88.
- Bosa, C. (2002b). Sinais precoces de comprometimento social no autismo: Evidências e controvérsias. In W. Camargos (Ed.), *Transtornos invasivos do desenvolvimento: Terceiro milênio* (Vol. 2, pp. 42-47). Brasília, DF: Ministério da Justiça.
- Bosa, C., & Callias, M. (2000). Autismo: Breve revisão de diferentes abordagens. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *13*(1), 167-177.
- Bowlby, J. (2002). *Apego: Vol. 1. Apego, separação e perda* (3. ed.). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Original publicado em 1969)
- Capps, L., Sigman, M., & Mundy, P. (1994). Attachment security in children with autism. *Development and Psychopathology*, *6*, 249-261.
- Dissanayake, C., & Crossley, S. (1996). Proximity and sociable behaviours in autism: Evidence for attachment. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, *37*, 149-156.
- Dissanayake, C., & Crossley, S. (1997). Autistic children's responses to separation and reunion with their mothers. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, *27*, 295-312.
- Gillberg, C. (1990). Autism and pervasive developmental disorders. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, *31*, 99-119.
- Kanner, L. (1943). Autistic disturbances of affective contact. *The Nervous Child*, *2*, 217-250.
- Klin, A. (2006). Autismo e síndrome de Asperger: Uma visão geral. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, *28*, 3-11.
- Klin, A., & Mercadante, M. T. (2006). Autismo e transtornos invasivos do desenvolvimento. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, *28*, 1-2.
- Organização Mundial de Saúde. (1998). *CID-10: Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde* (10. ed.). Genebra, Suíça: Author.
- Rogers, S. J., Ozonoff, S., & Maslin-Cole, C. (1991). A comparative study of attachment behavior in young children with autism or other psychiatric disorders. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, *30*, 483-488.
- Rogers, S. J., Ozonoff, S., & Maslin-Cole, C. (1993). Developmental aspects of attachment behavior in young children with pervasive developmental disorders. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, *32*, 1274-1282.
- Rutter, M. (1996). Autism research: Prospectus and priorities. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, *26*, 257-275.
- Shapiro, T., Sherman, M., Calamari, G., & Koch, D. (1987). Attachment in autism and other developmental disorders. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, *26*, 480-484.
- Sigman, M., & Mundy, P. (1989). Social attachments in autistic children. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, *28*(1), 74-81.
- Sigman, M., & Ungerer, J. A. (1984). Attachment behaviors in autistic children. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, *14*, 231-244.
- Wing, L. (1996). *The autistic spectrum: A guide for parents and for professionals*. London: Constable.
- Wing, L., & Gould, J. (1979). Severe impairments of social interaction and associated abnormalities in children: Epidemiology and classification. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, *9*, 11-29.

Recebido: 07/11/2006
1ª revisão: 01/03/2007
2ª revisão: 21/06/2007
Aceite final: 27/06/2007